

Entretanto seria de grande importancia, ao menos para a questão da emigração, haver constantes observações, que de bom grado transmittiríamos ás revistas meteorologicas que se publicam na Europa.

O governo ordenou que na repartição das obras publicas se fizessem regulares observações meteorologicas.

Tres ou quatro thermometros (Celsius, de maxima e minima) e um pluviometro (apparelho simplicissimo) bastariam para o effeito.

Tratando-se de uma repartição publica, podiam as observações ser feitas ás 9 horas da manhã e ás 3 horas da tarde, que seria plenamente sufficiente para o fim que se tem em vista.

Os resumos mensaes e os annuaes podiam ser communicados ás folhas diarias, que com prazer os publicariam, prestando-se assim um importante serviço á sciencia.

Sem sacrificio algum e com maxima facilidade pôde ser realizada uma permanente observação meterologica na repartição de obras publicas; e o estrangeiro que visita Porto Alegre não mais estranharia a falta de taes observações na capital de uma importante provincia, cujo futuro depende em grande parte da immigração, para qual é de immenso valor a questão do clima. »

REVISTA DA IMPRENSA MEDICA

DOIS CASOS DE INTOXICAÇÃO PELO ACIDO PHENICO, por M. Springer, externo dos hospitaes — A 2 de Janeiro de 1882, no hospital Lariboisière, na clinica do professor Bouchard, sala Saint-Landry, ministrou-se a dois doentes, ambos atacados de febre typhoide, em vez do clister prescripto pelo chefe de serviço que continha 50 centigrammas de acido phenico, um outro continha 60 grammas da solução seguinte :

Acido phenico.....	4
Alcool.....	1

M. Bouchard calculou, tomando em conta as differentes causas da perda d'uma certa quantidade de liquido, que podia avaliar se em 48 grammas a quantidade de acido phenico injectado, em solução de 96 por 1000. Os doentes são os ns. 4 e 9 da sala Saint-Landry. O n. 4 tem trinta e oito annos; é enfermeiro. Tendo entrado no hospital a 17 de Dezembro de 1881, está agora no 33º dia da sua molestia, que tem seguido o seu curso sem mais complicação do que a presença d'uma grande quantidade de albumina retractil na urina, a qual foi observada no 17º dia da molestia, dia em que elle entrou no hospital: no 1º de Janeiro a sua urina apresentava apenas alguns traços de albumina que não parecia retractil. Na vespera do accidente o enfermo ia indo regularmente; no 1º de Janeiro de 1882, á noite, a sua temperatura era de 37º,5; a alimentação consistia apenas em caldos. O n. 9 tem quatorze annos, e é empregado dos telegraphos. Entrou no hospital em 22 de Dezembro de 1881; está pois no 16º dia de molestia. Tem manchas rosadas lenticulares pelo corpo, e uma erupção de sudamina. No dia da entrada a sua urina apresentava albumina não retractil. A 26 de Dezembro a albumina persiste e torna-se retractil. As temperaturas da noite, nos tres dias que precederam o accidente, foram: 40º,2, 39º,9, 39º,8.

No dia 2 de Janeiro, ás sete horas e meia da manhã, deu-se primeiro um clister ao n. 4. No momento da ministração o doente não manifesta dor alguma, e conserva-o.

Immediatamente depois, dá-se o clister ao n. 9.

Este queixa-se logo de dores no ventre. N'este momento o n. 4 solta gritos de dor accusando soffrimentos violentos. No mesmo instante o n. 9 é accommettido pelas mesmas dores: ambos elles gritam, queixam-se de colicas atrozes, e estorcem-se sobre os leitos. O enfermeiro corre a chamar M. Bourey, interno do serviço; quando este chega, vinte a vinte e cinco minutos, pouco mais ou menos, depois da ministração, encontra os dois doentes no mais profundo coma, e observa-lhes soluços; prescreve immediatamente grandes clisteres de agua e de glycerina.

O intestino não reage e conserva os clisteres. Introduz-se então no recto uma sonda adaptada á extremidade d'uma seringa de injeccção, e esvazia-se o recto por aspiração. Esta operação é renovada muitas vezes.

Injecta-se successivamente quatro a cinco litros de agua, e deixa-se uma sonda no recto, que se esvazia assim por si mesmo.

As nove horas, isto é, uma hora e meia depois da injeccção, toma-se a temperatura rectal dos dois doentes. O n. 4 apresenta 36° ; o n. 9, $35^{\circ},7$. O pulso do n. 4 está irregular, mas bastante forte; dá 104. Tem a respiração precipitada e a pelle coberta de um suor abundante.

O pulso do n. 9 está muito irregular e muito fraco; desaparece ás vezes durante tres ou quatro segundos: a respiração é muito precipitada: 54 respirações por minuto. Está todo banhado n'um suor ainda mais abundante que o do n. 4.

Os dois doentes estão mergulhados n'um profundo collapso.

As nove horas e meia, M. Bouchard manda fazer-lhes beber agua, a fim de favorecer a secreção da urina, por meio da qual se opéra a eliminação do acido phenico. No estado em que os doentes se acham, é impossivel fazer-lhes engulir seja o que for; recorre-se então ao aparelho de Faucher.

Introduzido o tubo de caoutchouc no esophago, lança-se no estomago um litro de agua. Meia hora depois prescreve-se uma injeccção subcutanea de ether. Immediatamente depois produz-se uma reacção: os doentes sahem antes do seu estupor; abrem os olhos, executam movimentos, e não se queixam de dor alguma; a pressão exercida sobre o ventre não parece ser-lhes dolorosa. No entanto parecem abatidos, e não têm lembrança alguma do que se passou.

Tomam-se as temperaturas ás onze horas e meia; o n. 9 está a 36° , o n. 4 a $36^{\circ},3$; a temperatura elevou-se pois da mesma quantidade, $3/10$, em cada um d'elles. As tres horas da tarde o n. 4 sente arrepios que duram pouco mais ou menos duas horas. Queixa-se de uma grande sensação de frio. A tempera-

tura está a 36°,2. Variou portanto apenas de 1/10. As tres horas e meia tem abundantes vomitos esverdeados.

Quatro horas — temperatura 38°,7, pulso 100. Tem uma grande tendencia para o somno ; não sente dores de cabeça nem de ventre. As seis horas da tarde a sua temperatura é de 41°,3.

O n. 9 sente egualmente ás tres horas arrepios seguidos de suores muito abundantes ; não tem vomitos ; urinas raras e d'uma côr escura. Queixa-se de algumas dores de cabeça ; a pressão do ventre não lhes é dolorosa ; responde bem ás perguntas. Temperatura ás seis horas — 41°,8.

Durante todo o dia deu-se aos dois doentes café.

Passaram uma noute bastante socegada. No dia seguinte a temperatura do n. 4. é de 37°,2 : a do n. 9 é de 38° e á noute de 37°. As urinas, normaes na quantidade, apresentam uma côr escura ; a reacção pelo perchlorureto de ferro dá a côr characteristic do acido phenico ; contem egualmente albumina, cuja proporção não differe da que foi observada antes da intoxicacão. O estado geral é melhor ; os doentes não sentem dôr alguma. A 4 de Janeiro o seu estado é muito bom ; o n. 9 vai mesmo muito melhor do que antes do accidente : a temperatura tornou-se normal. As urinas contem ainda acido phenico. A 5 de Janeiro os doentes não parece resentirem-se de modo algum da intoxicacão.

Comparando estas duas observacões, vê-se que, tendo sido injectadas as mesmas doses e conservadas durante o mesmo tempo, os effeitos de intoxicacão desenvolvem-se paralellamente e com a mesma intensidade, apresentando exactamente os mesmos symptomas. Ora os dois doentes não estão nas mesmas condições ; o n. 4 é um homem de trinta e oito annos, e o n. 9 é um rapaz de quatorze annos, muito pouco desenvolvido para a sua idade. Além d'isso o n. 4 está no fim de sua febre typhoide no 33° dia, enquanto que o n. 9 está no 16°. Assim, pois, a despeito das differenças na resistencia do organismo resultante da idade e do periodo da molestia, *os effeitos são identicos.* Um outro ponto, digno de observar-se, é a rapidez da

absorção pela mucosa do intestino grosso. É evidente que é impossível avaliar, mesmo aproximadamente, a quantidade de acido phenico absorvida, poisque meia hora depois da injeção foram ministrados grandes clisteres.

Mas o que se deprehende claramente da observação, é que tendo-se produzido o coma vinte a vinte cinco minutos depois da injeção, se pode affirmar, que basta este curto espaço de tempo, para que uma dose toxica de acido phenico seja absorvida pela mucosa intestinal. Vê-se pois *que a absorção intestinal é muito rapida*. Quanto aos effeitos causticos sobre a mucosa é impossível apreciar a sua extensão; mas elles existiram e manifestaram-se com uma grande energia, como o provam as dores atrozes sentidas pelos doentes immediatamente depois da injeção. É preciso comtudo considerar que ambos elles tomavam de duas em duas em duas horas uma colher de sopa d'uma mistura de carvão e glycerina, e que o intestino continha carvão em grande quantidade, como testemunhava a agua dos clisteres que sahia do recto carregada de carvão.

O carvão depositado nas paredes do intestino teve talvez um effeito protector, e impediu que os effeitos causticos fossem tão intensos como o seriam sem a sua presença. Além d'isso, depois do accidente, os doentes não tiveram dor alguma, nem no ventre, nem no recto; as suas fêzes não apresentaram nenhum traço de sangue nem de falsas membranas.

Os effeitos causticos foram pois ligeiros. Os effeitos geraes manifestaram-se sob as formas d'um collapso que durou quatro horas, acompanhado d'um afrouxamento na circulação, poisque o pulso estava fraco, depressivel, e muito irregular; respiração curta e accelerada; suores profusos; secreção de urina nulla.

O ponto capital é a acção do acido phenico sobre a temperatura do corpo: este ponto é tanto mais interessante, quanto da sua solução podem depender applicações therapeuticas. Vemos primeiro que, sob a influencia da applicação do acido phenico, a temperatura do corpo desce no espaço de hora e meia a 35°, 7 e 36°.

Confirma-se assim o facto referido por todos os auctores — que o acido phenico abaixa a temperatura. Se esta tivesse persistido, os doentes teriam morrido dentro em pouco. Mas o que é importante notar-se é que, depois d'este minimo de temperatura, ella eleva-se gradualmente, para chegar, dez horas depois da absorpção, a $41^{\circ},3$ e $41^{\circ},8$. Logo, unicamente pelo facto da evolução da acção do acido phenico, a temperatura sobe extremamente alto. De sorte que, se se produz um abaixamento momentaneo, resulta na realidade um augmento consideravel. Poderia talvez attribuir-se esta elevação não á acção do acido phenico, mas a uma reacção da febre continua. Mas, se o n. 9 tinha na vespera do accidente uma temperatura elevada, de $40^{\circ},2$, $39^{\circ},9$, $39^{\circ},8$, por outra parte o n. 4 não tinha já febre havia muitos dias, e observou-se *em ambos uma elevação de temperatura semelhante*.

Póde pois pensar-se que esta elevação é realmente devida á acção do acido phenico sobre o systema nervoso central. Quando a acção do acido phenico é sufficiente para determinar uma perturbação dos centros da calorificação, perturbação que se traduz por um abaixamento de temperatura de grau e meio *abaixo da temperatura normal do corpo*, esta acção é seguida d'uma reacção do organismo, que luta contra o resfriamento. A intensidade d'esta reacção varia, não só com o grau de abaixamento, mas ainda com o estado de meio do organismo, que reage mais ou menos segundo a sua vitalidade. Resulta d'ahi que esta reacção se manifesta por um movimento ascensional da temperatura, cujos centros moderadores se tornam impotentes. Assim se explica a temperatura, de $41^{\circ},3$, e $41^{\circ},8$ que apresentaram os dois doentes. Depois d'esta oscillação de cinco graus da temperatura central, o organismo retoma o seu equilibrio, e a temperatura torna-se moderada. Esta perturbação calorica não produziu pois um effeito desfavoravel, e a absorpção d'esta grande quantidade de acido phenico parece ter suspendido a evolução da molestia.

(*Revue mensuelle de médecine. — Coimbra Medica.*)